



O PROCESSO DE RESILIÊNCIA EM ESTUDANTES COTISTAS NEGROS DA UFRGS

Luciane Bello

Palavras-chave: Ações Afirmativas; Cotas; Universidade; Resiliência; Trajetórias

No contexto brasileiro percebemos que as oportunidades para uma pessoa branca são diferentes das que se apresentam para uma pessoa negra. Alguns autores insistem em dizer que não existem raças, como afirma Salzano (2005) que “raças humanas simplesmente não existem”, mas, segundo Guimarães (1999), se as raças não existem num sentido restrito e realista de ciência, elas existem, contudo, de modo pleno no mundo social como percebemos na dificuldade de acesso de estudantes negros na universidade.

Um acontecimento importante para mudar esse quadro foi a assinatura, pelo Brasil, de um instrumento internacional de proteção dos direitos humanos na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Correlatas de Intolerância, ocorrida em Durban, na África do Sul em setembro de 2001, na defesa de adoção de medidas positivas para a população afrodescendente nas áreas de educação e trabalho.

Iniciativas como a aprovação do Projeto de Lei das Cotas Raciais ou PL 73/99, o Estatuto da Igualdade Racial ou PL 3.198/2000, o Decreto nº 4.228, de 13 de maio de 2002 do Governo Federal, e a Decisão 134/2007 do Conselho Universitário da UFRGS, aprovada em sessão de 29/06/2007, são documentos importantes nesta discussão, assim como os manifestos contra e a favor do sistema de reserva de vagas nas universidades públicas. A política de ação afirmativa no Ensino Superior tem como objetivo a democratização do acesso e permanência na universidade, a implantação do sistema de reserva de vagas é uma oportunidade de vivência da diversidade na Universidade que enriquece as relações entre docentes, técnicos e estudantes.

Desde o início deste trabalho sempre tive presente os mitos utilizados por alguns autores contrários ao sistema de cotas no Brasil, dos quais não compartilho. São eles: o ferimento do princípio da igualdade disposto na Constituição, a subversão do mérito acadêmico, a péssima qualidade do ensino público na educação básica – portanto este deve ser o foco da atenção e não o Ensino Superior, o risco de baixar o nível acadêmico na universidade com a entrada de estudantes despreparados, a sociedade é contra as cotas, a miscigenação impede definir quem é negro em nosso país, o aumento da discriminação do branco pobre, a possibilidade das cotas tornarem a sociedade racista, o problema não é o ingresso mas a permanência na universidade, e a estigmatização de que o negro “não é capaz”.

Através de um roteiro semi-estruturado utilizado nas entrevistas, foi possível conhecer as motivações para o ingresso de negros na universidade pública, assim como os obstáculos ao longo do percurso. Foram realizadas dez entrevistas, com estudantes

autodeclarados negros com bom desempenho acadêmico¹, dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, Direito, Engenharia Civil, Letras, Geografia, Biologia Marinha, Educação Física e Medicina Veterinária, que ingressaram na UFRGS em 2008, primeiro concurso vestibular que implantou o sistema de reserva de vagas para egressos do ensino público, autodeclarados negros e indígenas.

Os estudantes cotistas negros falaram sobre sua origem social, sua formação e de seus familiares, contaram histórias de discriminação, expectativas das famílias e suas perspectivas para o futuro, dentro e fora da Universidade. Nesta escuta, lembrei de Costa (2002) quando essa diz que não devemos ter a pretensão de contar a verdade total e definitiva, e sim apresentar resultados parciais e provisórios sobre a pesquisa, porque o mundo continua mudando, portanto não podemos cristalizar nossos pensamentos. Outro aspecto levado em consideração no momento das entrevistas foi baseado no que Larrosa (2002) apresenta como ‘a escuta que transforma’ e o exercício de abandonar aquilo que já existe em nós, ou seja, certezas, preconceitos.

[...] na escuta alguém está disposto a ouvir o que não sabe, o que não quer, o que não precisa. Alguém está disposto a perder o pé e a deixar-se tombar e arrastar por aquilo que procura. Está disposto a transformar-se numa direção desconhecida. O outro, enquanto outro, é algo que não posso reduzir à minha medida. Mas é algo do qual posso ter uma experiência que me transforma [...] (LARROSA, J., 2002, p. 138)

Segundo Souza e Silva (2003), temas de estudos sobre evasão, exclusão e fracasso escolar pouco auxiliam na interpretação do problema. Por esse motivo, em sua pesquisa com estudantes universitários da Favela da Maré/ RJ, sugere estudar as variáveis que se apresentam quando se fala em ingresso e permanência do aluno na escola, seja ela curta ou longa. Dessa forma, busco identificar aspectos positivos da trajetória de vida desses estudantes e sua permanência após o ingresso por de cotas na UFRGS.

A trajetória de vida, que segundo Bourdieu (1998), é o resultado construído de um sistema de traços pertinentes de uma biografia individual ou de um grupo de biografias, foi descrita pela pesquisadora de forma leve² e comprometida, dando ênfase às possibilidades e potencialidades de cada um dos entrevistados e à capacidade de mobilização de recursos pessoais e sociais que possuem.

Estas trajetórias merecem ser conhecidas pela coragem que estes estudantes têm de enfrentar situações desafiadoras e não sucumbir diante delas. É sabido que dificuldades todos nós temos, o que nos difere é a forma como lidamos com elas no nosso dia-a-dia, ou seja, nossas motivações. Ao entrevistá-los, entemos melhor como encaram os desafios e despertam estes sentimentos de resistência em outros colegas. Isso fortaleceu a esperança, baseada em Silva (2007), de que é possível despertar a resiliência em um grupo, conhecendo a sua história, procurando analisá-lo no contexto, para então intervir de maneira apropriada, buscando razões capazes de motivá-lo e fortificá-lo.

O processo de resiliência, termo atualmente empregado na psicologia e na educação, foi cuidadosamente abordado, procurando diferenciá-lo dos termos ‘coping’ e invulnerabilidade (utilizados pela psicologia), não utilizando-o como estereótipo, pois uma pessoa não é sempre resiliente, em todos os momentos ou em todas as áreas, trata-se de uma

¹ Entende-se por bom desempenho acadêmico aquele em que o estudante obtiver a sua Taxa de Integralização Média (TIM) igual ou superior a 50% da Taxa de Integralização Média (TIM) do respectivo Curso. O cálculo da TIM do Estudante se dá através da soma do número de créditos aprovados no curso (obrigatórios e eletivos) dividido pelo número de matrículas realizadas. A Taxa de Integralização Média (TIM) do Curso é obtida através da soma do número de créditos total do curso dividido pelo número total de semestres. Esse critério foi estabelecido através da Resolução nº 27/2003 do CEPE/ UFRGS.

² Segundo Calvino (1990), leveza é uma conquista, é o ato de dizer não ao peso.

combinação de fatores. O conceito de resiliência, segundo Walsh (2005), é visto como a capacidade de se renascer da adversidade fortalecido e com mais recursos, ou seja, um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta à crise e ao desafio.

A partir da análise das entrevistas conhecemos as fragilidades dos estudantes cotistas negros que tem bom desempenho acadêmico na UFRGS, mas também como e onde encontram inspiração para ultrapassar obstáculos que aparecem no cotidiano. Foram entrevistados quatro homens e seis mulheres com idade entre 20 e 33 anos. A proposta inicial previa entrevistas com estudantes de dez cursos diferentes, porém, ao enviar o convite para participação da pesquisa, em dois cursos (Geografia e Letras), dois estudantes fizeram questão de participar. Entrevistei, portanto, dez estudantes de oito cursos diferentes que foram identificados com nomes de origem africana³.

Dos cursos de Direito e Engenharia Civil foram entrevistados Dafina e Haidar, que se definem como pessoas tímidas, não muito abertas e que não gostam muito de ir a festas. Dafina prefere ficar em casa estudando, visitar ou receber visitas de parentes e amigos, se diz mais reservada. Haidar diz que é uma pessoa tranquila e calma, também não gosta muito de balada, não costuma ir ao cinema, gosta mais de ficar em casa, tocar violão, navegar na internet. Os dois dizem que não tem dificuldades para se relacionar com as pessoas, têm vários amigos e declaram que se dão bem com todos, mas preferem ficar em casa estudando, lendo. É possível que além de características pessoais, fatores econômicos fortaleçam esta opção apresentada por eles: os dois não trabalham e, portanto, dependem da renda dos pais. Haidar exerceu atividades como bolsista de extensão no ano de 2009.

Para Mandisa, que faz o curso de Geografia, é difícil falar de si mesma, mas consegue descrever algumas características. Conta que a família sobrevive com o salário da mãe, que é empregada doméstica, trabalhos eventuais que o pai faz como autônomo e sua bolsa na universidade. Os irmãos adolescentes cortam grama e fazem consertos de equipamentos para pessoas conhecidas e ganham algum dinheiro também. Mayimuna também do curso de Geografia, é muito expressiva e conta como tenta incentivar os irmãos a fazerem uma faculdade, para realizarem o sonho da mãe.

Asantewaa, do curso de Biologia Marinha, ao contrário dos colegas, não tem dificuldade para se definir, faz isso prontamente no início da entrevista. Deixei que ela fizesse a escolha do nome de origem africana que a identificaria (ela cedeu uma lista com os nomes e seus significados quando falei da minha intenção de identificá-los dessa forma) e não foi à toa que escolheu “mulher guerreira”, se refere assim também à sua mãe.

Chenzira, do curso de Letras, no início e no final da resposta encontra alguma dificuldade para expressar quem é e faz questão de explicar o motivo que a levou a participar da pesquisa. Escolher um curso, entrar na universidade, fazer estágio foram desafios que Chenzira enfrentou com o auxílio de sua mãe, que está sempre presente e em alguns momentos até mesmo definindo o que e como ela deve fazer, seja na escolha do curso, disciplinas matriculadas, organização de horário.

Lasana comenta que nasceu no Rio de Janeiro e não vê o pai há muitos anos. Conta sobre as dificuldades que passou com a mãe e a irmã quando vieram morar em

³ Hamza (forte); Dafina (valiosa, pedra preciosa); Haidar (forte, robusto); Mayimuna (expressiva); Mandisa (doce); Moyo (vida, bem-estar, boa saúde); Lasana (poeta); Asantewaa (mulher guerreira); Chenzira (garota ativa) e Naila (que tem sucesso).

Porto Alegre. Fala sobre sua paixão pelo curso de Letras e pelos livros, trazendo, inclusive, suas produções para mostrar, assim como os prêmios que ele e a mãe têm recebido em concursos literários em que participam, um sempre incentivando o outro.

Naila é muito batalhadora, reflete sobre a dificuldade de ser a única negra na turma do curso de Medicina Veterinária. Moyo se descreve como tímido e com dificuldades para apresentar trabalhos em aula, mas consegue manter um bom relacionamento com colegas e adolescentes do clube de futebol que faz estágio do curso de educação física.

Hamza, do curso de Ciências Contábeis, valoriza muito sua experiência no mercado de trabalho, gosta e se sente orgulhoso por trabalhar formalmente mesmo antes do ingresso na Universidade, ressalta que os conhecimentos adquiridos no curso têm contribuído para um bom desempenho no trabalho. Refere que é cansativo trabalhar o dia todo, se deslocar de Novo Hamburgo/ RS, cidade de descendência alemã como ressalta o estudante: *“Colonização alemã. Não tem muitos negros”*, é difícil conseguir se alimentar adequadamente, mas acha que tudo isto vale a pena.

Lasana conta que, depois de a família se mudar para vários lugares diferentes, enfrentarem muitas dificuldades, inclusive foram assaltados quando moravam no bairro popular Passo Dorneles, o que motivou a mudança para o bairro nobre Chácara das Pedras, para a casa emprestada pela amiga de sua avó. Ele comenta o impacto causado por esta mudança: *“[...] era Chácara das Pedras, era um outro bairro, outra coisa, eu me lembro que quando a gente foi para ali, eu pensei: nossa, aqui é um bairro de rico, que roupa que eu vou usar pra andar aqui? Foi ali que nós ficamos durante dez anos. Foi ali que a gente começou a reconstruir a nossa vida.”*

A maioria dos entrevistados tem pais separados, sete entre os dez: Mayimuna, Asantewaa, Lasana, Dafina, Haidar, Hamza e Naila. As mães aparecem como alicerce da família, um porto seguro em oito entrevistas realizadas, mesmo estando o casal morando junto. A mãe tem mais iniciativa e *“faz as coisas acontecerem”*.

Alguns dos entrevistados antes de ingressarem na Universidade desconheciam o sistema de cotas ou eram contra elas, por falta de informação no Ensino Médio ou cursinhos pré-vestibulares, pela opinião de professores ou familiares. Chama a atenção a vontade que estes estudantes negros egressos do ensino público, que ingressaram na UFRGS através do sistema de reserva de vagas, têm de vencer os obstáculos. Estão dispostos a agarrar a possibilidade com todas as forças para atingir o objetivo de concluir os cursos e ter uma vida melhor, com mais oportunidades. Que relação é esta de que quanto maior o desafio, maior é a motivação para ultrapassá-lo?

Cada pessoa de acordo com a fase da vida, ou seja, criança, adolescente, adulto, idoso, poderá ter uma postura diferenciada diante dos desafios no trabalho, estudo, relações sociais, e ser influenciada pelo ambiente, pela família, além dos aspectos genéticos. A percepção sobre as dificuldades e obstáculos se dá de forma diferenciada pelas pessoas. Os estudantes cotistas negros entrevistados, em sua maioria não dão ênfase às próprias dificuldades vivenciadas até a chegada à Universidade, nem mesmo depois que já estão dentro dela, mas sim às oportunidades que tiveram e têm aproveitado.

Bourdieu coloca que aqueles que têm mais recurso atraem mais recurso, nas entrevistas com cotistas negros, percebi a importância dos recursos familiares e pessoais propulsores nas suas trajetórias de vida. A descrição do lugar onde moram tem muito em comum, normalmente são bairros pobres, com violência que os impedia de brincar na rua quando eram crianças, como referem Asantewaa, Mayimuna e Moyo. Com dificuldades de acesso a transporte como relata Hamza, ou grande tempo de deslocamento por serem bairros afastados como contam Naila, Mandisa, Haidar, Mayimuna e Chenzira, que moram na região metropolitana de Porto Alegre. Alguns foram assaltados em casa com a família, como Lasana

e Haidar. Chenzira expõe que o bairro em que mora tem muito lixo, cachorros, música alta e parece uma favela.

Naila, Moyo, Mandisa se referem ao momento do ingresso na Universidade como inacreditável. Lasana chega a se referir a sua experiência como “*uma forma enviesada de entrar na universidade*”. Ele começou o ensino superior em uma universidade privada, depois, através do ingresso extra-vestibular foi para o curso de Letras Bacharelado e só com as cotas pôde entrar no curso de Letras Licenciatura, como desejava.

A conquista de uma vaga em uma universidade pública é muito valorizada pelos estudantes e por seus familiares; há, entretanto, os que não se consideram vencedores enquanto não concluírem o curso superior, como foi o caso de Moyo, que pediu a faixa de comemoração somente após a formatura. Existe a ideia de que é difícil conciliar estudos e trabalho em uma universidade pública, sem esquecer ainda das dificuldades acarretadas pelas defasagens trazidas ao longo da trajetória escolar, como leituras e conteúdos que servem de base aos cursos, e bagagem cultural.

O fato de colegas brancos, de dentro ou fora da Universidade, parecerem estar em uma situação socioeconômica melhor do que os estudantes entrevistados não desperta questionamentos ou estranhamentos, como relata Hamza. São situações vistas como normais, ou seja, é o que sempre acontece.

Mandisa e Mayimuna contam sobre o colega de curso que criou situações de conflito, mas amenizam quando se referem a ele como um excluído, com “quadro de transtorno”. Somente Naila coloca abertamente que sente que seus colegas de curso ficam satisfeitos quando ela não passa em alguma disciplina.

Chenzira e Mayimuna se referem ao “mundo cor-de-rosa” ou “nuvem de sonhos de algodão-doce” que os colegas parecem viver, pois na sala de aula há um faz-de-conta que se discutem os problemas da sociedade, mas nada muda efetivamente. Relatam que com esforço, determinação e oportunidades, todos podem ser bons alunos e obter sucesso, “dentro do que é possível”.

A política de ações afirmativas através do sistema de reserva de vagas pode contribuir na concretização de sonhos de ascensão, tanto dos estudantes universitários como de seus familiares, e dessa forma ter uma sociedade mais democrática que respeite as diferenças. O exercício de reconhecimento da diversidade e a busca da diminuição das desigualdades vão além do sistema de reserva de vagas, continua sendo necessária a reestruturação e qualificação do sistema básico de ensino público no país em curto prazo, mas as cotas dão a possibilidade de representação de minorias nas universidades e também no mercado de trabalho.

Os estudantes entrevistados, em sua maioria, desconhecem o funcionamento da Universidade, da página da UFRGS, Pró-reitoria de Graduação e dos benefícios oferecidos pela Secretaria de Assistência Estudantil. Além da falta de informação dos procedimentos e benefícios atualmente disponíveis, se referem à falta de tempo para organizar, obter os documentos e agendar entrevistas com assistente social. O Conexões de Saberes⁴ foi citado

⁴ O Conexões de Saberes é um programa desenvolvido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC), em parceria com a organização não-governamental Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. Oferece a jovens universitários de origem popular a possibilidade de adquirir e produzir conhecimentos científicos e, a partir disso, intervir em seu território de origem. Além disso, o programa possibilita o monitoramento e a avaliação, pelos próprios estudantes, do impacto das políticas públicas desenvolvidas em espaços populares. Os participantes do programa recebem apoio financeiro e metodológico. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12359&Itemid=716 - Acesso 28/03/2010.

por alguns entrevistados como um importante programa que apresentou-lhes a Universidade e o sistema de cotas.

Tanto durante o Ensino Médio quanto após a conclusão há o incentivo da família, seja para estudar, fazer as escolhas dos cursos, pagar mensalidades de cursinhos pré-vestibulares e taxas de inscrição para o concurso vestibular. Ainda que os pais não tenham muita formação, são os maiores incentivadores. Esses estudantes se basearam em modelos de professores, familiares distantes ou mesmo pessoas que admiravam e não tinham grau de parentesco. A maioria é o primeiro da família a entrar na universidade.

Lahire (1997), em seus estudos, concluiu que existe o mito da omissão parental em comunidades populares, apontada por educadores como razão do insucesso escolar de estudantes que vêm das camadas populares:

[...] o tema da omissão parental é um mito. Esse mito é produzido pelos professores, que, ignorando as lógicas das configurações familiares, deduzem, a partir dos comportamentos e desempenhos escolares dos alunos, que os pais não se incomodam com os filhos, deixando-os fazer as coisas sem intervir. Nosso estudo revela a profunda injustiça interpretativa que se comete quando se evoca uma “omissão” ou uma “negligência” dos pais. Quase todos que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos “sair-se” melhor do que eles. (LAHIRE, 1997, p. 334)

Esses estudantes buscam alternativas, como referem Dafina, Hamza, Naila e Asantewaa, porque se as coisas não acontecem como o esperado, ou ainda, se não têm aquilo que precisam, vão em busca de novas possibilidades; se em algum momento não encontram apoio em pessoas que deveriam apoiar, sempre aparecem outras que os motivam e acreditam em seus sonhos, são eles: tios, professores e namorados. Normalmente, os pais dos entrevistados são presentes e, principalmente as mães, grandes incentivadoras.

Hamza faz questão de repetir várias vezes que em sua infância a família nunca teve dificuldade financeira ou de acesso a pessoas ou serviços: “[...] *a minha família nunca teve dificuldade, a minha família sempre foi bem. Meu pai era jogador de futebol, minha mãe é funcionária pública na prefeitura. A gente teve um padrão médio baixo, tranquilo. Na infância na escola pública sempre falando em turma eu era o único negro, mais uma ou duas turmas no máximo tinha um negrinho.*”

Em algumas famílias, o entrevistado é o primeiro membro a ingressar em um curso superior. A mãe de Chenzira não tem curso superior, mas não poupa esforços para que os filhos consigam atingir este sonho: “*Pra minha mãe, fundamental é ter estudo. É isso que ela quer. Ela não sossega enquanto os três filhos não tiverem diploma da faculdade. É o que ela quer, o que ela espera.*”

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. (NOGUEIRA, CATANI, 1998, p. 42)

Haidar, assim como Hamza, conta que tem mais colegas brancos, sempre foi assim nas escolas públicas onde fez o Ensino Fundamental e Médio, tinha colegas negros, mas a grande maioria era branca. Percebe que na faculdade também tem mais brancos, ele faz o curso de Engenharia Civil. Com os colegas da universidade o contato acontece só nos espaços acadêmicos, sai para se divertir com os primos que são negros como ele, enfatiza. Orgulha-se ao contar que é o primeiro da família a ingressar em um curso superior, por enquanto o único. Tanto na família de Hamza quanto na família de Haidar o futebol

aparece como uma possibilidade de mobilidade social, anterior aos estudos. Até que ponto isso reflete a situação discriminatória de negros no mercado de trabalho, que percebem o futebol como a principal forma de ascensão social?

Asantewaa faz referência aos pais como heróis, sempre presentes na sua trajetória, apoiando e incentivando as suas ações: *“Minha mãe é uma guerreira, é minha heroína, meu pai também é herói. Não sei se eu iria aguentar. Me apoio muito neles, são espelhos pra mim.”*

Mayimuna conta que sua mãe tem o sonho de ver os filhos formados. Separada do marido, há pouco tempo trabalha como servidora pública e está conseguindo pagar as dívidas, tentando estabilizar a situação financeira da família e tem o desejo de voltar a estudar: *“A estabilidade da família é a minha mãe, o alicerce, a provedora é ela [...] ela diz: ‘Vocês são a única coisa que eu tenho. Tudo que eu faço é pra vocês.’”*

Yunes (2003) cita os pioneiros nos estudos sobre a *“família resiliente”*, que é aquela que resiste aos problemas decorrentes de mudanças e *“adapta-se”* às situações de crise. São eles McCubbin e McCubbin (1988), que investigaram características, dimensões e propriedades de famílias que ajudariam a lidar com situações de crise, tragédias ou simplesmente transições no ciclo de vida e os efeitos na dinâmica familiar, como o nascimento do primeiro filho, sua adolescência ou a saída do filho de casa para a universidade.

Hamza lamenta sem saber responder qual o motivo do abandono dos estudos pelos familiares. Por que tantas desistências daqueles que iniciam cursos técnicos e de graduação, normalmente em instituições privadas? Parece nunca ter parado para pensar sobre isso antes da entrevista, ou seja, nas condições socioeconômicas que os familiares possuem para dar continuidade aos estudos. Cursos em instituições privadas são muito dispendiosos e fica praticamente inviável o pagamento de mensalidades. O esforço realizado para iniciar o curso, infelizmente, não consegue ser mantido até o final.

Dentre os pais dos entrevistados, mesmo os que têm formação superior ficaram desempregados. O pai de Dafina, formado em Engenharia Mecânica pela PUC/RS, perdeu o emprego quando ela tinha 12 anos e a mãe, formada em Ciências Contábeis pela UFRGS, foi demitida quando Dafina tinha 15 anos. A mãe de Dafina vem de uma família com três mulheres e foi a única que fez curso superior. Por ser a caçula, foi a única que teve oportunidade de entrar em uma universidade federal, já que a família não tinha condições de pagar uma universidade privada.

Os negros brasileiros têm feito pouco progresso na conquista de profissões de maior prestígio social, no estabelecimento de seus próprios negócios e na ocupação de posições de poder político. Eles ainda concentram-se em atividades manuais que exigem pouca qualificação e escolaridade formal. As desvantagens acumuladas através da história brasileira tornaram o sucesso difícil para a população afro-brasileira (Lima, 1999).

Nas famílias dos entrevistados, percebemos que são comuns as profissões de empregada doméstica, pedreiros, pintores, vigilantes. São trabalhadores em funções que exigem pouca escolaridade e, conseqüentemente, possuem baixa remuneração e reconhecimento. Daí a busca dos entrevistados pela trajetória no Ensino Superior, tentando alcançar novos objetivos, novos espaços no mercado de trabalho, ou seja, tendo um destaque perante seus familiares.

O negro no mercado de trabalho com frequência aparece em desvantagem em relação aos brancos; Mandisa faz um relato sobre uma pessoa conhecida da família que mesmo exercendo cargo de chefia não é respeitada, e comenta o conselho dos pais, que têm apenas o Ensino Fundamental, sobre a importância do estudo na vida de um negro: *“Uma conhecida nossa trabalhava num alto cargo, ela era negra e era chefe, ela tinha muita*

dificuldade porque as pessoas não respeitavam ela. Eles (pais) sempre me dizem, tem que estudar. Como nós somos negros, já tem um ponto a menos, preconceito.”

[...] o que permite concluir que a ação do meio familiar sobre êxito escolar é quase exclusivamente cultural. Mais que os diplomas obtidos pelo pai, mais mesmo do que o tipo de escolaridade que ele seguiu, é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança. Ainda que o êxito escolar pareça ligado igualmente ao nível cultural do pai ou a mãe, percebem-se ainda variações significativas no êxito da criança quando são de nível desigual. (NOGUEIRA, CATANI, 1998, p. 42)

Chenzira também ressalta o incentivo da mãe para que estude, pelas desvantagens sentidas no cotidiano por serem negros, principalmente no mercado de trabalho: *“Muitos lugares preferem contratar um branco só com Ensino Fundamental do que um negro com faculdade. Quanto maior o nosso nível de estudo, maior nossa oportunidade de um emprego com maior remuneração. Também para mostrar que negro não serve só para fazer faxina.”*

São muitos obstáculos nas trajetórias destes estudantes e também muita vontade de superar as dificuldades, tais como a exclusão e desvantagens que historicamente vem sendo vividas por eles e seus familiares. Os entrevistados fazem questão de demonstrar suas qualidades, dentre elas a dedicação e a persistência. Embora em suas caminhadas, esses estudantes negros tenham encontrado professores preconceituosos, incapazes de lidar com a diversidade, além de contarem com material didático inadequado para desenvolver a discussão sobre o acesso de negros na educação (MUNANGA), eles estão preocupados em participar da construção de um mundo melhor através da educação e conquistar melhorias individuais e dos grupos que os cercam (familiares, comunidade, país).

Santos (2005) nos alerta que se seguirmos a lógica do mito da democracia racial, ou seja, de que todas as raças e/ou etnias existentes no Brasil estão em pé de igualdade sócio-racial, e que tiveram as mesmas oportunidades desde o início da formação do Brasil, poderemos ser levados a pensar que as desiguais posições hierárquicas existentes entre elas devem-se a uma incapacidade inerente aos grupos raciais que estão em desvantagem, como os negros e os indígenas.

Dafina fala sobre preconceito e discriminação, lembrando uma história que sua mãe conta que aconteceu quando ela estava na primeira série do Ensino Fundamental e ia sempre com o *“cabelo puxadinho”* para a escola. Um dia a mãe lavou o seu cabelo e o deixou solto, e a reação dos colegas a deixou muito constrangida: *“Cabelo afro é maior, fui com aquele penteado tipo ‘black-power’ e várias crianças brincaram e riram, eu não me lembro muito. Minha mãe sempre ia me buscar e nesse dia quando ela chegou, eu estava escondida embaixo da mesa na secretaria da escola.”*

Sobre a forma de estudar na universidade, Haidar diz que é completamente diferente do Ensino Fundamental e Médio, que não precisava estudar em casa, era só prestar atenção e estudar pelas aulas. Para passar nas disciplinas na UFRGS está precisando rever seu método de estudo, confessa que ainda não se encontrou. Tem que estudar em casa para conseguir acompanhar. Acha que poderia ter um desempenho acadêmico bem melhor, mas sempre tem conseguido se manter na média exigida, ou seja, aprovação acima de 50% (cinquenta por cento) das cadeiras matriculadas. Perto de alguns colegas está excelente, mas ainda assim pensa que poderia fazer melhor.

Mayimuna diz que sempre teve muita dificuldade nos estudos, não repetia o ano, mas precisava se esforçar muito e contava com o auxílio dos irmãos. Os amigos, tanto os brancos quanto os negros não continuaram os estudos, a melhor amiga concluiu o Ensino Fundamental e parou. Ela não se lembra de ter tido professores negros, com exceção de um no Ensino Médio.

Lasana comenta que estudou em quatro escolas da quinta série até o Ensino Médio por causa das várias mudanças de casa que fez com a família, eram escolas fracas e ele tinha muitas dificuldades, principalmente em Português. No Ensino Médio, era o único estudante negro. Hoje como professor no Ensino Médio diz que tem cinco alunos negros em cada turma: *“Pouco pra quem pretende ter uma igualdade racial, é muito pouco mesmo.”*

Quando Naila estava no Ensino Fundamental em uma escola em Viamão, na grande Porto Alegre, tinha vários colegas negros; já no Ensino Médio quando se mudou para uma escola em Porto Alegre, tinha somente um colega negro. Na turma em que está no curso de Medicina Veterinária, ela não tem nenhum colega negro. Lembra de três professoras negras em sua trajetória escolar.

Chenzira ressalta que no curso de magistério em uma turma de quarenta colegas tinha seis negros; só ela e outra colega terminaram o curso. Comenta também que no curso de magistério não tinha disciplinas como Geografia, química e biologia, o que limitava suas possibilidades de passar no vestibular.

Mandisa se emociona e chora várias vezes quando conta sua experiência no Ensino Fundamental e Médio, lembrando das formas de preconceito e discriminação que viveu na escola: *“[...] uma vez um colega falou pra mim: cada macaco no seu galho. E a professora (não falava nada). E eu não falava nada, eu ficava chorando, eu tinha uns 10 anos, pra ti ver como fica marcado.”* Ela comenta que a discriminação vinha também dos professores da escola, e faz referência ao significado que teve em sua vida a entrada na UFRGS, quando pôde provar que não é inferior. Mandisa comenta que não teve professores negros e, no Ensino Médio, de cinco turmas somente dois estudantes negros se formaram. Na faculdade tem cinco colegas negros cotistas no curso de Geografia.

Em artigo publicado no Jornal da Universidade (UFRGS) de 2008, a Doutora Arabela Oliven coloca que:

Charles Taylor afirma: "nossa identidade é particularmente formada pelo reconhecimento ou por sua ausência, ou ainda pela má impressão que os outros têm de nós". Para alguns autores o reconhecimento é considerado como um quarto direito, junto com os direitos civis, políticos e sociais. Exemplos da falta de reconhecimento com relação à população negra no Brasil não faltam e isso se reflete na baixa autoestima e diminuição de expectativas de muitos jovens, que quase não vêem perspectivas de um futuro melhor. (OLIVEN, 2008)

Os estudantes entrevistados repetem em seus relatos que em suas trajetórias encontraram pouquíssimos professores e colegas negros. No Ensino Fundamental ainda encontravam alguns colegas negros, mas no Ensino Médio este número chegava a quatro ou cinco, porém só se formavam um ou dois. Lasana só foi ter contato com professores negros no cursinho pré-vestibular popular, que era destinado a pessoas negras e carentes: *“E posso dizer que esse cursinho mudou a direção da minha vida [...] eu me considerava um nada. Eu não olhava as pessoas nos olhos, sempre chegava de cabeça baixa, mesmo as pessoas mais baixas eram sempre maiores do que eu. [...] Rompi a bolha e comecei a olhar as coisas de outra maneira.”*

É normal que só seus colegas brancos participem das apresentações culturais na escola, tenham um nível social melhor, sejam a maioria nas salas de aula, principalmente no Ensino Superior? Por que mesmo não acreditando que poderiam passar no vestibular e estudar em uma universidade pública, esses estudantes tentaram realizar o sonho?

A escolha pela universidade pública se dá por questões financeiras, já que não há cobrança de matrícula e mensalidades, mas também acontece por uma questão de status, como explicita Moyo, estudante de Educação Física: *“[...] tentei a UFRGS e tentei o ENEM, fiquei até numa colocação boa, mas nas faculdades que eu consegui, eu achei que*

não tinha tanto status como a universidade federal, aí eu não segui, não quis me matricular e esperei mais um tempinho.”

Passar no vestibular da UFRGS não é a única barreira a ser enfrentada, as diferenças de linguagem e cultura foram aspectos recorrentes nas entrevistas. Essa diversidade, a troca de experiências e conhecimentos oportunizada de forma mais intensa com a implantação do sistema de reserva de vagas, é enriquecedora tanto para os estudantes quanto para a instituição. Estudantes que não teriam condições de ingressar em uma universidade pública se não pelo sistema de cotas, trazem na sua bagagem conhecimentos e linguagens diferentes para a sala de aula e locais de estágio.

De outro lado, porque a língua não é um simples instrumento, mais ou menos eficaz, mais ou menos adequado, do pensamento mas fornece – além de um vocabulário mais ou menos rico – uma sintaxe, isto é, um sistema de categorias mais ou menos complexas, de maneira que a aptidão para o deciframento e a manipulação de estruturas complexas, quer lógicas quer estéticas, parece função direta da complexidade da estrutura da língua inicialmente falada no meio familiar, que lega sempre uma parte de suas características à língua adquirida na escola. (NOGUEIRA, CATANI, 1998, p. 46)

Um exemplo é a utilização de gíria na linguagem cotidiana, que pode trazer dificuldades na apresentação de trabalhos, devido ao não enquadramento exigido na academia, da utilização de termos e conceitos reconhecidos por ela. Mas Moyo ressalta que em alguns momentos há uma identificação com a linguagem, como por exemplo, no local de estágio com os adolescentes entre 15 e 17 anos que fazem parte da escolinha de futebol na qual ele participa da equipe de preparadores físicos. É a linguagem das ruas, da comunidade em que vive e isso facilita a comunicação. Não acontece o mesmo com outros professores, que não entendem as gírias e as “*malandragens*”.

As dificuldades com conteúdos e cobranças de forma e prazos para entrega de trabalhos que aparecem ao longo da trajetória escolar são intensificadas na Universidade. Foi o que aconteceu com vários entrevistados quando tiveram de apresentar trabalhos de forma oral para a turma, fazer trabalhos que exigiam interpretação de texto e autoria. Estavam acostumados com textos pequenos, fáceis e o grau de exigência para cumprimento de prazo e forma de entrega de trabalhos na faculdade é muito maior do que nas escolas públicas que frequentaram.

Somente três dos estudantes entrevistados não fizeram cursinho pré-vestibular. Hamza foi um deles, prestou vestibular duas vezes e passou nos dois, um na FEEVALE (instituição privada), para o curso de Turismo, depois mudou e fez um semestre de Ciências Contábeis na mesma instituição. Em janeiro de 2008, passou no vestibular da UFRGS para ingresso no segundo semestre no curso de Ciências Contábeis. Acha que fez uma grande escolha porque não tinha noção nenhuma do que era contabilidade e agora está em uma “*posição considerável*” no seu trabalho, auxiliado pelos conhecimentos adquiridos no curso.

Quando estava no terceiro ano do Ensino Médio, Dafina fez curso preparatório para o vestibular e já sabia que queria fazer Direito. Fez vestibular na PUC/RS ainda sem concluir o Ensino Médio e foi aprovada, mas não fez a matrícula. Depois, fez os vestibulares de verão na Faculdade do Ministério Público/ RS e passou; na Universidade Federal de Santa Catarina⁵ pelo acesso universal não passou, porque não podia concorrer às

⁵ Podem participar do Programa de Ações Afirmativas (cotas) na UFSC os candidatos que: a) tenham cursado integralmente todas as séries do Ensino Fundamental e Médio em instituições públicas de ensino, entendidas como tais aquelas mantidas pelo poder público municipal, estadual ou federal; b) tenham traços fenotípicos que os caracterizam na sociedade como pertencentes ao grupo racial negro; não se enquadram nessa situação os

cotas já que, na Federal de Santa Catarina, o estudante precisa ter feito todo o Ensino Fundamental e Médio em escola pública. Passou na UFRGS para o curso de Direito diurno com ingresso em 2008/2.

Haidar refere que tem alguns tios que trabalham na área de construção civil, são pedreiros. Ele gosta dessa área porque também gosta muito da área de exatas, Engenharia era o que mais se encaixava. Gosta bastante de música, tocar violão, mas sabe que o mercado não é tão bom quanto na área da Engenharia, até pensou em fazer vestibular para Música, mas deixou para segundo plano, para depois que se formar no curso de Engenharia.

O momento de ver a lista dos aprovados no vestibular é bastante marcante em todas as entrevistas, a comemoração com faixas nas janelas, churrasco na casa de familiares, assim como telefonemas para parentes para comunicar o sucesso. Não importa o bairro ou a cidade, a maioria dos calouros no Rio Grande do Sul executa o ritual de colocar a faixa com o nome e curso do “*bixo*” em frente de casa ou na janela do apartamento. Familiares, cursinho pré-vestibular ou amigos fazem questão de presentear o calouro com a faixa, como relatou Mandisa.

Dos entrevistados, somente um não quis uma faixa comemorativa quando viu seu nome na lista de aprovados, pediu para ganhar uma faixa quando estiver se formando: “[...] *vai ser mais um tijolo que eu coloquei na escada da vida, porque foi mais uma conquista. A minha irmã preferiu a faixa agora, quando ela soube que foi aprovada. (Moyo)*

Este percurso que os primeiros estudantes negros cotistas na UFRGS estão enfrentando está servindo de inspiração para outros familiares, irmãos e até para os próprios pais, que estão retornando aos estudos, pois estão tendo coragem para se arriscar.

Esse destino é continuamente lembrado pela experiência direta ou imediata e pela estatística intuitiva das derrotas ou dos êxitos parciais das crianças do seu meio e também, mais indiretamente, pelas apreciações do professor, que, ao desempenhar o papel de conselheiro, leva em conta, consciente ou inconscientemente, a origem social de seus alunos e corrige, assim, sem sabê-lo e sem desejá-lo o que poderia ter de abstrato um prognóstico fundado unicamente na apreciação dos resultados escolares [...] Expressão da necessidade interiorizada, essa fórmula está, por assim dizer, no imperativo-indicativo, pois exprime, ao mesmo tempo, uma impossibilidade e interdição. (NOGUEIRA, CATANI, 1998, p. 47)

O esforço da família está viabilizando o ingresso dos filhos na universidade pública federal, esse sonho que parecia muitas vezes tão distante, como relatam alguns estudantes. A mãe de Lasana concluiu o Ensino Médio há pouco tempo e agora está fazendo um curso técnico de informática, é a estudante mais velha da turma.

Naila não acreditava que conseguiria passar no vestibular da UFRGS na primeira tentativa; para Mandisa, entrar na UFRGS era um sonho muito difícil de realizar, pois ela não se encaixava no perfil que imaginava ser necessário para ingressar em uma universidade pública: “*Isso era para pessoas super-gênios.*”

Chenzira escolheu o curso de Letras porque gostava de português no curso de magistério, pensava em ser professora, mas não queria fazer Pedagogia. Teve muita dificuldade no primeiro semestre do curso de Letras porque tentou conciliar com o estágio obrigatório do curso de magistério. Não cancelou disciplinas porque não tinha informações sobre os procedimentos de cancelamento.

candidatos que não tenham traços fenotípicos que os identifiquem com o grupo racial negro, ainda que tenham algum ascendente negro. Terão prioridade na classificação os candidatos negros que tenham cursado integralmente todas as séries do Ensino Fundamental e Médio em instituições públicas de ensino, isto é, as escolas municipais, estaduais ou federais; c) pertençam a povos indígenas. Fonte: http://www.vestibular2010.ufsc.br/paa_orientacoesBasicas.pdf em 23/05/2011.

Expectativas, sonhos e possibilidades

Como nos aponta Carvalho (2004), estudar em uma das nossas universidades públicas federais é poder sonhar com a possibilidade de ser presidente do BNDES, Ministro da Economia, juiz do Supremo. Dafina expressa esse objetivo quando fala do desejo de fazer concurso público e ser juíza.

Eles revelam anseios de estudar no exterior, ser professor universitário, ter estabilidade financeira, ser o orgulho da família, o exemplo para irmãos, primos e até para os próprios pais que já pensam na possibilidade de voltar a estudar.

Os obstáculos são cumulativos, pois as crianças das classes populares e médias que obtém globalmente uma taxa de êxito mais fraca precisam ter um êxito mais forte para sua família e seus professores pensem em fazê-las prosseguir seus estudos [...] as crianças dessas classes sociais que, por falta de capital cultural, têm menos oportunidades que as outras de demonstrar um êxito excepcional devem, contudo, demonstrar um êxito excepcional para chegar ao ensino secundário. (NOGUEIRA, CATANI, 1998, p. 50)

Hamza gosta do curso que faz, gosta de estudar e pretende seguir quando terminar a graduação, ainda não sabe se fará especialização ou mestrado, só sabe que pensa grande: *“Porque a UFRGS abre muitas portas, eu acho que eu posso ir mais longe do que eu ‘tô’ agora, é a questão de ir atrás, botar a cara e ir atrás, arriscar e é o que eu pretendo”*.

Os pais de Haidar sabem que é difícil conciliar trabalho com universidade e o apóiam porque sabem que depois a recompensa vai ser grande. O estudante acredita que a área de engenharia civil está crescendo bastante, não vai faltar emprego e os salários são bons. Sente muita satisfação fazendo o curso, diz que é o que gosta de fazer, gosta de trabalhar com isso, acha que vai se realizar profissionalmente. Para a família, principalmente, e também para os amigos de Porto Alegre, Haidar se vê como modelo.

Mayimuna quer dar aula ainda enquanto estiver fazendo a graduação para obter experiência, porque acha que sua atuação no Programa Conexões não foi muito boa, não conseguiu se envolver com a comunidade porque não tinha base para trabalhar. Fala com entusiasmo que vai ser professora como seu irmão: *“Se Deus quiser seremos uma família de professores!”*.

Lasana comenta que está sendo procurado para dar entrevistas, recebendo propostas para ser bolsista, fazer o mestrado em outra instituição assim que concluir o curso, enfim, está sendo visto e pode servir de modelo para outros negros: *“É legal que agora no final da graduação, meus passos invisíveis estão começando a aparecer: ele é negro e também pensa, o cara é cotista, ainda!”*.

Alguns dos entrevistados, querem ter experiência no mercado de trabalho antes de iniciarem um curso de pós-graduação, outros como Asantewaa, pensam em continuar os estudos sem pausa.

A realização dos sonhos dos estudantes envolve quase sempre os desejos dos familiares, principalmente das mães. Como é o exemplo de Naila, mesmo fazendo referência que sua mãe não é tão exigente quanto aos estudos, espera que a filha tenha acesso aos espaços e bens que ela mesma não teve: *“Ela espera que eu me forme, seja uma grande doutora. [...] e seja uma pessoa que realize todos meus sonhos, que tenha tudo o que eu quero ter, é isso que ela deseja.”*

A expectativa dos membros da família é muito grande, há uma aposta de sucesso para o futuro desses estudantes e de toda família, acompanhado de status e bens materiais, que possam ser vislumbrados também pela comunidade e pessoas do bairro em que

moram. Há também o desejo de retribuir a sociedade, como aponta Moyo: “[...] *prefiro uma escola mais de periferia, eu me identifico mais, eu sei que posso ajudar alguém como eu, poderia ser. Dar um incentivo.*”

Identifico, portanto, o processo de resiliência nas trajetórias de vida desses estudantes entrevistados. São superações frequentes, tanto em questões de perdas familiares permanentes ou provisórias, racismo, preconceitos, dificuldades econômicas, limitações de acesso a boas escolas, livros, cinemas, teatros, que não impedem a busca pela realização dos sonhos. Eles se tornam mais resistentes, buscam se reestruturar e crescer em resposta às situações de crise e aos desafios do cotidiano.

Sendo assim, a partir das questões surgidas nas entrevistas, abre-se a possibilidade de repensar o cotidiano, produzir não só para conhecer a realidade, mas também para transformá-la. Nós que vivemos a Universidade temos o compromisso de repensar, rever nossas posições e ações a fim de proporcionar um avanço da prática profissional. A instituição está se reformulando quanto ao oferecimento de cursos noturnos, súmula de disciplinas, material didático, assistência estudantil, entre outros. O sistema de reserva de vagas na UFRGS será avaliado no próximo ano e espero que essa pesquisa possa trazer subsídios para que a nossa instituição melhor se adapte ao desafio a que se propôs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, J.J. In: **Valorizando a diversidade**. Porto Alegre: Metrópole, 2004.
- COSTA, M.V. **Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade**. In: Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 2ª ed.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares – As razões do improvável**. São Paulo, Editora Ática, 1997.
- LARROSA, J. **Literatura, experiência e formação**. In COSTA, M.V. (org) Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 2ª ed.
- LIMA, A.C.de S. **Educação superior para indígenas no Brasil: sobre cotas e algo mais**. In: BRANDÃO, André Augusto. (org.) Cotas raciais no Brasil: a primeira avaliação. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.
- LIMA, M., 1999. **O quadro atual das desigualdades**. In: *Cor e Estratificação Social* (C. Hasenbalg, N. V. Silva & M. Lima, org.), pp. 231-240, Rio de Janeiro: Contracapa.
- McCUBBIN, H. I.; McCUBBIN, M. A. **Typologies of resilient families: emerging roles of social class and ethnicity**. *Family Relations*, 37, 247-254, 1988.
- MOORE. In: **Valorizando a diversidade**. Porto Alegre: Metrópole, 2004.
- MOREIRA, M. J. **A evasão escolar no curso de Biblioteconomia: o caso da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO)**. 1988. 189p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MUNANGA, K. **Considerações sobre as políticas de ação afirmativa no Ensino Superior**. In Pacheco, J.Q. O negro na universidade: o direito à inclusão. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007. 151 p.
- MUNANGA, K.; GOMES, N. L. **Para entender o negro no Brasil de hoje: História, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global Editora, 2006.
- NOGUEIRA, M.A. CATANI, A. In: **Pierre Bourdieu – Escritos de Educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

NOGUEIRA; NOGUEIRA. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições.** Educação & Sociedade, ano XXIII, no 78, Abril/2002.

OLIVEN, A.C. **Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil.** Educação (Porto Alegre), Porto Alegre - RS, v. 61, p. 29-51, 2007

OLIVEN, A.C. In: *Jornal da Universidade.* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

SALZANO, F.M. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 225-227, jan/jun 2005.

SANTOS, S. A. dos. **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas.** Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005

SANTOS, R.E. dos. **Política de cotas raciais nas universidades brasileiras: o caso da Uerj**
In: Feres Jr., João e Zoninsein, J. (org). *Ação afirmativa e universidade: experiências nacionais comparadas.* Brasília Ed. da UnB, 2006.

SILVA, A.N. da. **Famílias especiais: resiliência e deficiência mental.** PUC/RS - Porto Alegre, 2007. 105 f. Dissertação de Mestrado.

SOUZA E SILVA, J. **Por que uns e não outros: caminhada de jovens pobres para a universidade.** Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2003.

WALSH, F. **Fortalecendo a Resiliência Familiar.** São Paulo: Roca, 2005.

YUNES, M.A.M. **Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção.** 2003.
<http://www.msmedia.com/ceprua/artigos/rescap2.pdf>

YUNES, M.A.M. **Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família.** Versão revisada de artigo publicado na revista *Psicologia em Estudo*, 8 (número especial), 75-84, em 2003. <http://www.msmedia.com/ceprua/artigos/rescap2.pdf> 07/02/2011